
SERENIDADE

A primeira palavra que me permito dizer publicamente, na minha terra natal, só pode ser uma palavra de agradecimento.

Agradeço a esta terra tudo aquilo que me deu e que me acompanhou durante um longo caminho. Tentei exprimir no que consiste esta dádiva ao longo das breves páginas que apareceram pela primeira vez na publicação comemorativa do centenário da morte de Conradin Kreutzer, no ano de 1949, intitulada «*Der Feldweg* (O caminho de campo)». Agradeço ao Sr. Schühle, presidente da câmara municipal, a sua cordial saudação. Agradeço ainda, em especial, a gratificante missão que me foi confiada de proferir um discurso comemorativo nesta homenagem que hoje se realiza.

PREZADA ASSISTÊNCIA!
CAROS CONTERRÂNEOS!

Encontramo-nos reunidos numa cerimónia comemorativa do compositor Conradin Kreutzer, nosso conterrâneo. Se queremos homenagear um desses homens predestinados à criação artística impõe-se, em primeiro lugar, honrar condignamente a sua obra. No caso de um músico, tal acontece dando a ouvir as suas obras.

Neste preciso momento soam canções e coros, música de ópera e música de câmara extraídos da obra de Conradin Kreutzer. Nestes sons está o próprio artista, pois a presença do mestre *na obra* é a única que é autêntica. Quanto maior é um mestre mais completamente a sua pessoa desaparece por detrás da obra.

Os músicos e os cantores que participam nas celebrações deste dia concedem-nos a audição da obra de Conradin Kreutzer neste preciso momento.

Será, no entanto, por isso a festa uma comemoração? Para que haja comemoração (*Gedenkfeier*) é necessário que *pensemos* (*denken*). Mas o que pensar e dizer por ocasião de uma comemoração em honra de um compositor? Não se distingue a música pelo facto de «falar» através do mero ressoar das suas notas e de não necessitar da linguagem corrente, da linguagem das palavras? Diz-se que sim. E, no entanto, subsiste a questão: Será a celebração através da interpretação musical e do canto já uma comemoração, que envolve o acto de pensar?

É pouco provável. Por isso, os organizadores introduziram no programa um «discurso comemorativo» cuja função é ajudar-nos expressamente a pensar no compositor homenageado e na sua obra. Tal evocação (*Andenken*) torna-se viva quando voltamos a relatar a biografia de Conradin Kreutzer, a enumerar e a descrever as suas obras. Por meio de uma tal narração tomamos conhecimento de alegrias e de tristezas, de aspectos edificantes e de acções exemplares. Mas, no fundo, limitamo-nos a ser entretidos por um discurso. Não é de modo nenhum necessário pensar enquanto ouvimos a narração, isto é, meditar (*besinnen*) sobre algo que, na sua essência, diz respeito a cada um de nós, directa e continuamente. É por isso que nem um discurso comemorativo garante que pensemos durante a comemoração.

Não nos iludamos. Todos nós, mesmo aqueles que pensam por dever profissional, somos muitas vezes pobres-em-pensamentos; ficamos sem-pensamentos com demasiada facilidade. A ausência-de-pensamentos é um hóspede sinistro que, no mundo actual, entra e sai em toda a parte. Pois, hoje toma-se conhecimento de tudo pelo caminho mais rápido e mais económico e, no mesmo instante e com a mesma rapidez, tudo se esquece. Do mesmo modo, os actos festivos sucedem-se uns aos outros. As comemorações tornam-se cada vez mais pobres-em-pensamentos. Comemorações e ausência-de-pensamentos andam intimamente associadas.

Contudo, mesmo quando estamos sem-pensamentos não renunciamos à nossa capacidade de pensar. Temos até uma necessidade absoluta dela, de um modo especial, sem dúvida, de tal forma que, na ausência-de-pensamentos, deixamos improdutivo a nossa capacidade de pensar. Não obstante, só pode ficar improdutivo aquilo que contém em si um solo (*Grund*) onde algo possa crescer, como por exemplo um campo agrícola. Uma auto-estrada, na qual nada cresce, nunca se pode transformar num baldio. Do mesmo modo que só podemos ficar surdos pelo facto de ouvirmos e envelhecer pelo facto de termos sido jovens, só podemos tornarmo-nos pobres-em-pensamentos ou mesmo sem-pensamentos em virtude de o homem possuir, no fundo (*Grund*) da sua essência, a capacidade de pensar, «o espírito e a razão», e em virtude de estar destinado a pensar. Só podemos perder ou, melhor, deixar de ter aquilo que, consciente ou inconscientemente, possuímos.

A crescente ausência-de-pensamentos assenta, por isso, num processo que corrói o âmago mais profundo do Homem actual: O Homem actual «*está em fuga do pensamento*». Esta fuga-aos-pensamentos é a razão da ausência-de-pensamentos. Contudo, tal fuga ao pensamento deriva do facto de o Homem não querer ver nem reconhecer essa mesma fuga. O Homem actual negará mesmo, redondamente, esta fuga ao pensamento. Afirmará o contrário. Dirá – e com pleno direito – que em época alguma se realizaram planos tão avançados, se reali-

zaram tantas pesquisas, se praticaram investigações de forma tão apaixonada, como actualmente. Com toda a certeza. Esse dispêndio de sagacidade e reflexão foi de extrema utilidade. Um tal pensamento será sempre indispensável. Mas convém precisar que será sempre um pensamento de um tipo especial.

A sua particularidade consiste no facto de que, quando concebemos um plano, investigamos ou organizamos uma empresa, contamos sempre com condições prévias que consideramos em função do objectivo que pretendemos atingir. Contamos, antecipadamente, com determinados resultados. Este cálculo caracteriza todo o pensamento planificador e investigador. Este pensamento continua a ser um cálculo, mesmo que não opere com números, nem recorra à máquina de calcular, nem a um dispositivo para grandes cálculos. O pensamento que calcula (*das rechnende Denken*) faz cálculos. Faz cálculos com possibilidades continuamente novas, sempre com maiores perspectivas e simultaneamente mais económicas. O pensamento que calcula corre de oportunidade em oportunidade. O pensamento que calcula nunca pára, nunca chega a meditar. O pensamento que calcula não é um pensamento que medita (*ein besinnliches Denken*), não é um pensamento que reflecte (*nachdenkt*) sobre o sentido que reina em tudo o que existe.

Existem, portanto, dois tipos de pensamento, sendo ambos à sua maneira, respectivamente, legítimos e necessários: o pensamento que calcula e a reflexão (*Nachdenken*) que medita.

É a esta reflexão que nos referimos quando dizemos que o Homem actual foge do pensamento. Objectar-se-á, no entanto, que a pura reflexão não se apercebe que paira sobre a realidade, que ela perde o contacto com o solo, não serve para dar conta dos assuntos correntes, não contribui em nada para levar a cabo a *praxis*.

E, por fim, diz-se que a pura reflexão, a meditação persistente, é demasiado «elevada» para o entendimento comum. Nesta desculpa a única coisa correcta é que é verdade que um pensamento que medita surge tão pouco espontaneamente quanto o pensamento que calcula. O pensamento que medita exige, por vezes, um grande esforço. Requer um treino demorado. Carece de cuidados ainda mais delicados do que qualquer outro verdadeiro ofício. Contudo, tal como o lavrador, também tem de saber aguardar que a semente desponte e amadureça.

Por outro lado, qualquer pessoa pode seguir os caminhos da reflexão à sua maneira e dentro dos seus limites. Porquê? Porque o Homem é *o ser (Wesen) que pensa, ou seja, que medita (sinnende)*. Não precisamos portanto, de modo algum, de nos elevarmos às «regiões superiores» quando reflectimos. Basta demorarmo-nos (*verweilen*) junto do que está perto e meditarmos sobre o que está mais próximo: aquilo que diz respeito a cada um de nós, aqui e agora; aqui, neste pedaço de terra natal; agora, na presente hora universal.

O que nos sugere esta celebração, se estivermos dispostos a meditar? Neste caso, atentamos que, do solo da terra natal, medrou (*gediehen*) uma obra de arte. Se reflectirmos sobre este simples facto, teremos imediatamente que nos lembrar que o solo da Suábia produziu grandes poetas e pensadores no século passado e naquele que o precedeu. Se continuarmos nesta linha de pensamento verificamos que a Alemanha Central possui um solo igualmente fértil, bem como a Prússia Oriental, a Silésia e a Boémia.

Somos levados a reflectir e perguntamos: não faz parte do êxito (*Gedeihen*) de uma obra de sucesso o enraizamento no solo de uma terra natal? Johann Peter Hebel escreveu um dia: «Nós somos plantas que – quer nos agrade confessar quer não –, apoiadas nas raízes, têm de romper o solo a fim de poder florescer no Éter e dar frutos» (Obras, ed. Altwegg III, 314).

O poeta quer dizer: onde deve medrar uma obra humana verdadeiramente alegre e salutar, o Homem tem de poder brotar das profundezas do solo natal, elevando-se em direcção ao Éter. Éter significa aqui: o ar livre das alturas do céu, a esfera aberta do espírito.

Somos levados a reflectir e perguntamos: aquilo que Johann Peter Hebel diz ainda se aplica nos dias de hoje? Existe ainda esse habitar tranquilo do Homem entre a terra e o céu? O espírito que medita (*sinnende*) reina ainda no país? Existe ainda uma terra natal, de raízes fortes no solo (*Boden*), na qual

o Homem se encontra permanentemente (*ständig steht*), quer dizer, onde o Homem está enraizado (*boden-ständig ist*)?

Muitos alemães perderam a sua terra natal, tiveram de abandonar as suas aldeias e cidades, foram expulsos do solo natal. Inúmeros outros, aos quais foi poupada a sua terra natal e que, mesmo assim, a deixaram, são apanhados no turbilhão das grandes cidades, têm de se estabelecer no deserto das zonas industriais. Tornam-se estranhos à velha terra natal. E os que nela ficaram? Muitas vezes estão ainda mais desenraizados (*heimatloser*) do que aqueles que foram expulsos. A cada hora e a cada dia estão presos à rádio e à televisão. O cinema transporta-os semanalmente para os domínios invulgares, frequentemente apenas vulgares, da representação que simula um mundo que não o é. Por toda a parte têm acesso ao «*Illustrierte Zeitung*»*. Tudo aquilo com que, de hora a hora, os meios de informação actuais excitam, surpreendem, estimulam a imaginação do Homem – tudo isso está hoje mais próximo do Homem do que o próprio campo à volta da quinta, do que o céu sobre a terra, do que o passar das horas do dia e da noite, do que os usos e costumes da aldeia, do que a herança do mundo da terra natal.

* Revista de carácter mais lúdico do que informativo, com publicação geralmente semanal, que contém artigos de interesse geral, ilustrados com imagens. (N. T.)

Somos levados a reflectir e perguntamos: o que se passa aqui com os expulsos da terra natal, bem como com aqueles que nela ficaram? Resposta: O *enraizamento* (*die Bodenständigkeit*) do Homem actual está ameaçado na sua mais íntima essência. Mais: a perda do enraizamento não é provocada somente por circunstâncias externas e fatalidades do destino, nem é o efeito da negligência e do modo de vida superficial dos Homens. A perda do enraizamento provém do espírito da época, no qual todos nós nascemos.

Continuamos a ser levados a reflectir e perguntamos: sendo assim podem ainda, no futuro, o Homem ou a obra humana medrar do solo da terra natal e crescer em direcção ao Éter, ou seja, em direcção à extensão (*Weite*) do céu e do espírito? Ou cairá tudo nas tenazes do planeamento e do cálculo, da organização e da automatização?

Se durante a celebração de hoje reflectirmos sobre o que ela nos sugere, verificamos que a nossa época é ameaçada pela perda do enraizamento. E perguntamos: o que está realmente a acontecer no nosso tempo? O que caracteriza o nosso tempo?

Chamou-se recentemente à época que agora se inicia a era atómica. A sua característica mais atormentadora é a bomba atómica. Mas esse traço é meramente superficial, pois logo se reconheceu que a energia atómica também pode ser utilizada para fins pacíficos. Por isso, a Física Atómica e os seus técnicos estão hoje empenhados, em toda a parte, em concretizar a utilização pacífica

da energia atómica em projectos de longo alcance. Os grandes consórcios industriais dos países mais desenvolvidos, com a Inglaterra à cabeça, já calcularam que a energia atómica pode tornar-se um negócio gigantesco. Vislumbra-se no negócio atómico a nova felicidade. A ciência atómica não se mantém afastada. Ela anuncia publicamente, esta felicidade. Por isso, em Julho deste ano, 18 nobelizados declararam textualmente num manifesto, na ilha de Mainau* «A Ciência – ou seja, neste caso, a moderna Ciência da Natureza – é um caminho para uma vida mais feliz do Homem».

O que significa esta afirmação? Resulta de uma meditação? Reflecte sobre o sentido da era atómica? Se ficarmos satisfeitos com a referida afirmação da ciência, permaneceremos o mais longe possível de uma meditação sobre a era actual. Porquê? Porque nos esquecemos de reflectir. Porque nos esquecemos de perguntar: em que assenta o facto de a técnica científica ter podido descobrir e libertar novas energias na natureza?

Assenta no facto de estar em curso há alguns séculos uma reviravolta de todas as representações dominantes. O Homem é, assim, transposto para uma outra realidade. Esta revolução radical da visão do mundo é consumada na filosofia moderna. Daí resulta uma posição totalmente nova do Homem no mundo e em relação ao mundo. O mundo

* Ilha situada no Lago de Überlingen (parte noroeste do lago de Constança). (N. T.)

aparece agora como um objecto sobre o qual o pensamento que calcula investe, nada mais devendo poder resistir aos seus ataques. A Natureza transforma-se num único posto de abastecimento gigantesco, numa fonte de energia para a técnica e indústria modernas. Esta relação fundamentalmente técnica do Homem com o todo do mundo surgiu pela primeira vez no século XVII, na Europa e unicamente na Europa. Permaneceu desconhecida das restantes partes da Terra durante longo tempo. Era totalmente estranha às épocas precedentes e aos destinos dos povos de então.

O poder oculto na técnica contemporânea determina a relação do Homem com aquilo que existe. Domina a Terra inteira. O Homem começa já a sair da Terra em direcção ao espaço cósmico. Porém, só há duas décadas se tornaram conhecidas, com a energia atómica, fontes de energia tão enormes que as necessidades mundiais de energia de todo o tipo estarão, em breve, cobertas para sempre. Dentro em breve, a produção imediata das novas energias deixará de estar restrita a determinados países e continentes, como a produção de energia a partir de carvão, do petróleo e das madeiras das florestas. Proximamente poderão ser construídas centrais nucleares em qualquer local da terra.

A questão fundamental da ciência e da técnica contemporâneas já não é: de onde obteremos as quantidades suficiente de combustível? A questão decisiva é agora a seguinte: de que modo podemos domar e controlar as inimaginavelmente grandes

energias atómicas e, assim, assegurar à humanidade que tais energias colossais, subitamente, em qualquer parte – mesmo sem acções bélicas –, não fogem ao nosso controlo, não «tomam o freio nos dentes» e aniquilam tudo?

Quando se tiver conseguido o domínio da energia atómica, e isso será conseguido, começará um desenvolvimento totalmente novo do mundo técnico. As técnicas que hoje conhecemos como do cinema e da televisão, dos transportes, particularmente do transporte aéreo, da informação, da medicina e da alimentação representam provavelmente apenas um grosseiro estádio inicial. Ninguém poderá prever as revoluções que se aproximam. Entretanto a evolução da técnica decorrerá cada vez mais rapidamente e não será possível detê-la em parte alguma. Em todos os domínios da existência as forças dos equipamentos técnicos e dos autómatos apertarão cada vez mais o cerco. Os poderes que, sob a forma de quaisquer equipamentos e construções técnicos, solicitam, prendem, arrastam e afligem o Homem, em toda a parte e a toda a hora, já há muito tempo que superaram a vontade e a capacidade de decisão do Homem porque não são feitos por ele.

Porém, também faz parte da novidade do mundo técnico o facto de as suas realizações serem o mais rapidamente possível conhecidas e admiradas publicamente. Assim, todos podemos ler hoje em qualquer revista, habilmente dirigida, ou ouvir na rádio, o que este discurso refere sobre

o mundo técnico. Contudo, uma coisa é termos ouvido ou lido algo, isto é, termos tomado conhecimento disso, outra é conhecermos, isto é, reflectirmos (*bedenken*) sobre o que ouvimos e lemos.

Neste Verão de 1955, em Lindau*, teve novamente lugar o encontro internacional dos nobelizados. Disse o químico americano Stanley, por essa ocasião, o seguinte: «Está próxima a hora em que a vida será posta na mão dos químicos, que irão decompor, reconstituir e modificar a substância viva como lhes aprouver.» Tomamos conhecimento de uma tal declaração. Até admiramos a ousadia da investigação científica e não pensamos mais nada. Não reflectimos que se prepare aqui, com os meios tecnológicos, uma agressão à vida e à natureza humana, comparada com a qual a bomba de hidrogénio pouco significa. Pois mesmo se as bombas de hidrogénio *não* explodirem e a vida humana permanecer sobre a terra, com a era atómica aproxima-se uma modificação inquietante do mundo.

No entanto, aquilo que é verdadeiramente inquietante não é o facto de o mundo se tornar cada vez mais técnico. Muito mais inquietante é o facto de o Homem não estar preparado para esta transformação do mundo, é o facto de nós ainda não conseguirmos, através do pensamento que medita, lidar adequadamente com aquilo que, nesta era, está realmente a emergir.

* Ilha situada na parte este do lago de Constança. (N. T.)

Nenhum indivíduo, nenhum grupo de homens, nenhuma comissão, mesmo de estadistas, investigadores e técnicos, por mais importantes que sejam, nenhuma conferência de figuras de proa da economia e da indústria podem travar ou dirigir o decurso histórico da era atômica. Nenhuma organização meramente humana está em condições de alcançar o domínio da era.

O Homem da era atômica estaria assim entregue, de forma indefesa e desamparada, à prepotência (*Übermacht*) imparável da técnica. Seria efectivamente assim se o Homem de hoje renunciasse a contrapor ao mero pensamento que calcula o pensamento que medita para o campo do jogo decisivo. Mas se o pensamento que medita despertar, a reflexão tem de estar a trabalhar ininterruptamente e na mínima oportunidade; portanto também aqui e agora e justamente durante esta cerimónia comemorativa, pois ela oferece-nos motivo para reflectir (*bedenken*) sobre algo que na era atômica está particularmente ameaçado: o enraizamento das obras humanas.

Por isso, perguntamos agora: já que o anterior enraizamento (*Bodenständigkeit*) se perde, não poderia ser restituído ao Homem um novo solo (*Grund und Boden*), no qual a natureza humana e toda a sua obra pudessem medrar de uma maneira nova, mesmo na era atômica?

Qual seria o solo de um futuro enraizamento? Talvez aquilo que procuramos com esta pergunta se encontre muito próximo; tão próximo que muito

facilmente o não vemos. Porque o caminho para o que está próximo é para nós, homens, sempre o mais longo e, por isso, o mais difícil. Este caminho é um caminho de reflexão. O pensamento que medita exige de nós que não fiquemos unilateralmente presos a uma representação, que não continuemos a correr em sentido único na direcção de uma representação. O pensamento que medita exige que nos ocupemos daquilo que, à primeira vista, parece inconciliável.

Façamos a experiência. Para todos nós os equipamentos, aparelhos e máquinas do mundo técnico são hoje imprescindíveis, para uns em maior e para outros em menor grau. Seria insensato investir às cegas contra o mundo técnico. Seria ter vistas curtas querer condenar o mundo técnico como uma obra do diabo. Estamos dependentes dos objectos técnicos que até nos desafiam a um sempre crescente aperfeiçoamento. Contudo, sem nos darmos conta, estamos de tal modo apegados aos objectos técnicos que nos tornamos seus escravos.

Porém, também podemos proceder de outro modo. Podemos utilizar os objectos técnicos e, no entanto, ao utilizá-los normalmente, permanecer ao mesmo tempo livres deles, de tal modo que os possamos a qualquer momento largar. Podemos utilizar os objectos técnicos tal como eles têm de ser utilizados. Mas podemos, simultaneamente, deixar esses objectos repousar em si mesmos como algo que não interessa àquilo que temos de mais íntimo e de mais próprio. Podemos dizer

«sim» à utilização inevitável dos objectos técnicos e podemos ao mesmo tempo dizer «não», impedindo que nos absorvam e, desse modo, verguem, confundam e, por fim, esgotem a nossa natureza (*Wesen*).

Se, no entanto, dissermos desta maneira, simultaneamente «sim» e «não» aos objectos técnicos, não se tornará a nossa relação com o mundo técnico ambígua e incerta? Muito pelo contrário. A nossa relação com o mundo técnico torna-se maravilhosamente simples e tranquila. Deixamos os objectos técnicos entrar no nosso mundo quotidiano e ao mesmo tempo deixamo-los fora, isto é, deixamo-los repousar em si mesmos como coisas que não são algo de absoluto, mas que dependem das próprias de algo superior. Gostaria de designar esta atitude do sim e do não simultâneos em relação ao mundo técnico com uma palavra antiga: *a serenidade para com as coisas (die Gelassenheit zu den Dingen)*.

Nesta atitude já não vemos as coisas apenas do ponto de vista da técnica. Tornamo-nos clarividentes e verificamos que o fabrico e a utilização de máquinas exigem de nós, na realidade, uma outra relação com as coisas que, não obstante, não é sem-sentido (*sinn-los*). Assim, por exemplo, a lavoura e a agricultura transformam-se em indústria alimentar motorizada. Não restam dúvidas que aqui – bem como noutros domínios – se está a operar uma transformação profunda na relação do Homem com a Natureza e com o mundo. O sentido que rege esta transformação permanece, todavia, obscuro.

Deste modo reina em todos os processos técnicos um sentido que reclama o fazer e o deixar estar (*Tun und Lassen*) do Homem, um sentido que o Homem não inventou e produziu primeiro. Não sabemos o que reside no sentido do domínio crescente da técnica atômica, cada vez mais inquietante. *O sentido do mundo técnico oculta-se*. Porém, se atentarmos agora, particular e constantemente, que em todo o mundo técnico deparamos com um sentido oculto, então encontramos imediatamente na esfera do que se oculta de nós e se oculta precisamente ao vir ao nosso encontro. O que, deste modo, se mostra e simultaneamente se retira é o traço fundamental daquilo a que chamamos o mistério. Denomino a atitude em virtude da qual nos mantemos abertos ao sentido oculto no mundo técnico *a abertura ao mistério (die Offenheit für das Geheimnis)*.

A serenidade em relação às coisas e a abertura ao segredo são inseparáveis. Concedem-nos a possibilidade de estarmos no mundo de um modo completamente diferente. Prometem-nos um novo solo sobre o qual nos possamos manter e subsistir (*stehen und bestehen*), e sem perigo, no seio do mundo técnico.

A serenidade em relação às coisas e a abertura ao mistério dão-nos a perspectiva de um novo enraizamento. Que um dia poderá mesmo conseguir recordar, de uma nova forma, o velho enraizamento, que agora se desvanece rapidamente.

Porém, entretanto – não sabemos por quanto tempo –, o Homem encontra-se sobre esta terra numa situação perigosa. Porquê? Apenas porque,

inesperadamente, poderá rebentar uma terceira guerra mundial que teria como consequência o total aniquilamento da humanidade e a destruição da terra? Não. Um outro perigo muito maior ameaça a era atômica que se inicia – precisamente quando o perigo de uma terceira guerra mundial está afastado. Uma estranha afirmação. Estranha, sim, mas apenas enquanto não refletimos.

Em que medida é válida a frase que se acabou de proferir? É válida na medida em que a revolução da técnica que se está a processar na era atômica poderia prender, enfeitiçar, ofuscar e deslumbrar o Homem de tal modo que, um dia, o pensamento que calcula viesse a ser *o único* pensamento admitido e exercido.

Então, que grande perigo se aproxima? Então a máxima e mais eficaz sagacidade do planeamento e da invenção que calculam andaria a par da indiferença para com a reflexão, para com a ausência total de pensamentos. E então? Então o Homem teria renegado e rejeitado aquilo que tem de mais próprio, ou seja, o facto de ser um ser que reflecte. Por isso o importante é salvar essa essência do homem. Por isso o importante é manter desperta a reflexão.

Porém – a serenidade para com as coisas e a abertura ao mistério nunca nos caem do céu. Não são frutos do acaso (*nichts Zu-fälliges*). Ambas medram apenas de um pensamento determinado e ininterrupto.

Talvez a cerimónia comemorativa de hoje constitua um impulso nesse sentido. Ao cedermos a este impulso pensamos em Conradin Kreutzer, ao pensarmos na origem da sua obra, nas forças das raízes (*Wurzelkräfte*) na terra natal de Heuberg. E somos *nós* quem assim pensamos, nós quando nos sabemos aqui e agora como homens, que temos de encontrar e preparar o caminho para, e através de, a era atómica.

Quando a serenidade para com as coisas e a abertura ao mistério despertarem em nós, deveríamos alcançar um caminho que conduza a um novo solo. Neste solo a criação de obras imortais poderia lançar novas raízes.

Assim, de uma outra forma e numa outra era, seria novamente verdadeira a afirmação de Johann Peter Hebel:

«Nós somos plantas que – quer nos agrade confessar quer não –, apoiadas nas raízes, têm de romper o solo, a fim de poder florescer no Éter e dar frutos.»